





ENCONTRO COM

STANLEY KRAMER

Gilberto Souto

No ano de 1947, surgiu em Hollywood uma pequena empresa independente que não despertou interesse algum: seus donos eram relativamente pouco conhecidos numa cidade em que se liga somente para as grandes companhias ou se discute apenas a vida de seus magnatas.

Era ainda a época de estúdios colossais e de uma linha de filmes, em sua maioria, dirigida à platéia acostumada ao produto digerido durante os dias da II Guerra Mundial, "escape films", trabalhos que divertiam e espantavam, por alguns momentos, a lembrança tenebrosa do conflito travado na Europa e no Oriente.

Mas 1947 ficará na história de Hollywood como o ano em que Stanley Kramer e seus associados fundaram a Kramer Productions. Bastante moço e cheio de ambição, era homem de cinema que viera de baixo, desde 1933: fôra simples operário, e depois escritor, auxiliar de montador e, finalmente, "cutter" ou "editor", como são chamados os que trabalham na sala de corte.

Carl Foreman, roteirista, e George Glass, homem de publicidade, eram os seus sócios, e os três pobres mos-



ENCONTRO COM

STANLEY KRAMER

queteiros enfrentaram um negócio cheio de dificuldades: a produção de filmes. Mas para Kramer era esta a única maneira de realizar seus planos, sem interferência alheia, completamente independente.

Vinte anos depois, e após vinte e oito filmes que o tornaram mundialmente famoso, estava eu diante d'ele, em seu escritório nos estúdios da Columbia, em Hollywood. Eram dez e meia da manhã. Famoso conversar por algum tempo. Falar de cinema, de seus filmes e projetos.

Kramer é um homem extremamente afável e simpático. Sente-se que discute seus filmes com franqueza e fala de seus planos para o futuro sem a empáfia comum em magnatas de Hollywood. Trouxe de nossa palestra agradável lembrança pela atenção que me dispensou, especialmente por tratar-se de FILME CULTURA. Acho mesmo que não fôsse esta a credencial, dificilmente me receberia, pois andava bastante ocupado com o corte final de seu último trabalho, *Adivinhe Quem Vem Para Jantar/Guess Who's Coming To Dinner*, da Columbia, e estrelado por Spencer Tracy — em seu último desempenho, pois faleceu poucas semanas depois de terminados os trabalhos —, Katharine Hepburn, Sidney Poitier, e a estreante, Katharine Houghton, na vida real, sobrinha de Hepburn.

Os que lhe têm acompanhado a carreira, sabem de sua aparente predileção por temas que fogem ao padrão usual dos trabalhos comerciais de Hollywood. Gostaria de enumerar apenas alguns: *Espíritos Indômitos/The Men*, *Clamor Humano/Home of the Brave*, *Acorrentados/The Defiant Ones*, *A Hora Final/*

On The Beach, *O Vento Será Tua Herança/Inherit the Wind*, *Judgment at Nuremberg/Julgamento em Nuremberg*, cujos temas abordaram, respectivamente, a recuperação de paraplégicos, o ódio racial, a ameaça destruidora do poder atômico, a liberdade de consciência e os crimes de guerra, assuntos que nem todo produtor escolheria, sabendo-os controversos ou de pouca aceitação por parte do grosso do público. Este parece preferir filmes-distração, mas Kramer é homem que faz o que deseja, como é o caso de seu mais recente trabalho, *Adivinhe Quem Vem Para Jantar*, onde, mais uma vez, o problema racial é tratado na tela: um negro ama e é amado por uma mulher branca. No fim, ela segue para a Europa a fim de casar-se com êle.

Começamos nossa palestra exatamente a propósito do filme em que ainda estava empenhado, montando-o e lhe dando o toque final. Sabendo da situação explosiva nos Estados Unidos com os distúrbios raciais dêste último verão, perguntei-lhe se esperava objeção contra êle.

"Não creio. Qualquer tema, sendo tratado com delicadeza e tato, mesmo que possa dar margem a certa resistência da parte de pessoas — ou de grupos — acaba sendo aceito. A oposição tende a dissolver-se, desaparecendo diante da visão total do filme. Se os personagens são realmente humanos, o público acaba por encontrar nêles algo pessoal. Não espero incidentes com o meu filme."

Kramer já afirmou que jamais fez filmes com a idéia de educar o público, ou que contenham mensagens. Faz seus trabalhos porque "deseja" fazê-los, porque êles lhe agradam. Penso, porém, que êle receia ficar

marcado perante as platéias de sua terra como alguém — possivelmente um intelectual — que deseja lhes dar aulas sôbre o comportamento humano; e assim começa a negar que procura fazer filmes "importantes", ou que busque apenas temas em que defende teses como um polemista qualquer. Mas Kramer, confessando que realiza os filmes que deseja porque gosta do que faz, entretanto, não fabrica produções água-com-açúcar, puro divertimento. E, em sua defesa, uma nota publicitária diz: ... há uma diferença entre Stanley Kramer, que tem feito tantos filmes que realmente "dizem alguma coisa", e a maioria do grupo de intelectuais de "avant-garde" que professa "ter algo a dizer" sem, contudo, prová-lo verdadeiramente.

Kramer não quis indicar qual de seus filmes mais se aproxima da idéia primitiva, dos planos de filmagem.

"Nenhum dêles," confessa-me o produtor-diretor, "saiu como o desejava. Sempre falta qualquer coisa a um filme que visualizamos durante a fase preliminar. Pensamos como fazê-lo, planejamos, mas, na prática, jamais resulta como queríamos. Por uma série de razões — e seria difícil enumerá-las — jamais êle sai como sonhamos. Tenho visto de nôvo vários de meus antigos filmes, e sinto logo onde e como poderia tê-los melhorado, corrigindo isto ou aquilo. Mas é tarde. O filme existe, e nada mais se pode fazer!"

A sinopse de *Adivinhe Quem Vem Para Jantar* diz que a sua história se passa num período de doze horas, assim, fiz a Kramer uma pergunta relativa ao tempo atual e o filmico, como sucedeu com *Matar ou Morrer/High Noon*.

Stanley Kramer, com Katharine Hepburn, Spencer Tracy e Oscar Werner, num intervalo de filmagem de "Guess Who's Coming to Dinner".





Sidney Poitier, Katharine Houghton e Spencer Tracy, em "Guess Who's Coming to Dinner".

"Não sei. Provavelmente". Respondeu-me sorrindo. Pensou um pouco e continuou: "Mas isso nem sempre é possível..."

Aludi ao fato de Mary Pickford ter-me contado, certa vez, que ela o descobrira e o levara para a United Artists. Ele confirma isso, dizendo-me que seu primeiro trabalho, uma comédia, fôra distribuído por essa companhia, mas que todo mundo tem procurado esquecer tal coisa. *Era Uma Vez Uma Herança/So This Is New York*, o filme em questão, nos Estados Unidos, foi distribuído pela UA, mas, entre nós, coube à MGM lançá-lo. Não sei a razão dêsse fato, mas o certo é que a estréia de Kramer foi bastante divertida. Gostei da comédia, estrelada por Henry Morgan, um comediante de rádio, e disse isso a Kramer.

Stanley olha para mim, com um largo sorriso, como se me agradecesse o elogio, e virando para George

Glass, sentado num sofá no fundo da sala, diz: "George, ouviu? Você, êle, e eu e mais sete pessoas gostamos do filme. Mais ninguém!"

Não poderia deixar de mencionar Spencer Tracy, sendo êle um dos astros do filme que Kramer acabara de produzir e dirigir. Kramer fica sério: "Foi o maior ator de Hollywood. Perdi um grande amigo, e Spencer não era dos mais expansivos. Tinha horror a demonstrações de afeto e ternura, mas seu coração era imenso. Um grande profissional, por isso odiava trabalhar com certos artistas novos que seguem êste ou aquê-le método, e procuram motivação para qualquer gesto. Spencer não tinha paciência com êles."

Falamos depois de generalidades: Hollywood, de cinema em geral, e do Brasil. Stanley pergunta-me sobre Nelson Pereira dos Santos, a quem

havia conhecido quando ambos serviram no júri de um festival de cinema em Moscou. Falo-lhe da possibilidade de êle vir a realizar um filme em co-produção no Brasil com êsse cineasta.

"Realmente, discuti essa possibilidade com êle. Caso venha a aparecer uma história que me interesse, estarei disposto a filmar no Brasil com qualquer produtor. O importante é a história. Só trabalho quando posso dedicar-me inteiramente a um filme. Não faço, e jamais farei qualquer coisa para apenas satisfazer um compromisso. Devo ainda realizar um filme para a United Artists a fim de terminar um velho contrato que tenho com ela. Já devia ter feito isso, mas somente agora começo os preparativos de filmagem, porque achei a história que me interessa, "The Secret of Santa Vittoria". Passarei a maior parte do ano que vem na Itália, rodando êsse filme."